

CONTRA O MUSEU DE ANTROPOLOGIA CRIMINAL “CESARE LOMBROSO”, EM TURIM, ITÁLIA: “CORPOS-TROFÉUS”, “VERGONHA IN VITRO” E “ATAVISMO COLONIAL”

Marcello Messina
Universidade Federal da Paraíba
marcello@ccta.ufpb.br

Introdução

Em tempos de obscurantismo e anticientificismo radicais, quem se embarcar na tarefa, sempre absolutamente necessária, de escrutinar os usos e abusos do que vem se legitimando e protegendo atrás do significante “ciência”, corre o risco de ser rotulado precisamente como obscurantista. Em meio a ondas globais de ataques reacionários contra o saber acadêmico, é fácil esquecer que a Universidade, além de ser um patrimônio irrenunciável a ser defendido com unhas e dentes, pode ser também um lugar de reprodução de hegemonias nacionais e transnacionais, imbricadas por sua vez com histórias de dominação étnico-racial, de gênero, classe, etc.

Este texto trata de um museu patrocinado justamente por uma Universidade, no caso a *Università degli Studi di Torino*, no Norte da Itália. Trata-se do *Museo di Antropologia Criminale “Cesare Lombroso”* [doravante Museu Lombroso]. No site do Museu Lombroso, lemos a seguinte apresentação:

Em 2009, cem anos depois da morte de Cesare Lombroso, fundador da antropologia criminal, foi reaberto o «seu» museu, único no mundo. As coleções incluem amostras anatômicas, desenhos, fotografias, corpos de delito, escritos e produções artesanais e artísticas, algumas muito preciosas, realizadas por internados em manicômios e presos (MUSEO LOMBROSO, s.d.)¹

¹ “Nel 2009, a cento anni dalla morte di Cesare Lombroso, fondatore dell’antropologia criminale, si è riallestito il “suo” museo, unico al mondo. Le collezioni comprendono preparati anatomici, disegni, fotografie, corpi di reato, scritti e produzioni artigianali e artistiche, anche di pregio, realizzate da internati nei manicomi e da carcerati”

Já desde essa apresentação é evidente a reticência sobre o aspecto mais evidente das suas coleções, ou seja, a exposição de várias estantes cheias de caveiras e máscaras de mortos (fig. 1)



Figura 1: As caveiras e máscaras de mortos expostas no Museu Lombroso. Foto de Régine Debatty, distribuída ao abrigo da licença Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 2.0 Genérica (CC BY-SA 2.0). Disponível em <https://bit.ly/2K9trOy>

Notas sobre Cesare Lombroso

Depois de anexar violentamente o Reino das Duas Sicílias entre 1860 e 1861, o exército italiano entra em uma guerra sanguinária contra as populações resistentes do Sul da Itália, uma guerra que dura pelo menos até 1866 (DEL BOCA, 2010). Durante essa campanha sanguinária, Lombroso segue o exército italiano até a Calábria (FERRACUTI, 1996, p. 133) e começa coletar dados sobre as formas das cabeças dos calabreses, conectando essas formas a graus diferentes de predisposição ao crime (PUGLIESE, 2010). Ele identifica como criminosos atávicos os ditos *briganti* (palavra que em italiano significa “bandidos”), que nos anos imediatamente sucessivos à

unificação lutaram exatamente contra o exército italiano. Na visão deles, obviamente, o exército italiano não era um exército libertador, mas sim uma força de ocupação. Eric Hobsbawm (1969; 1972) chama esse fenômeno de “banditismo social”.

Nesse contexto, os dois trabalhos de Lombroso sobre os brigantes Tiburzi (LOMBROSO, 1896) e Musolino (LOMBROSO, 1900), publicados no periódico *Nuova Antologia*, são fundamentais porque ele estabelece a relação entre as marcas físicas dos sulistas italianos, a genealogia étnico-racial deles, e a predisposição ao crime. Para explicar o consenso que Musolino inspirava na população calabrês, por exemplo, Lombroso precisa investigar “razões de natureza social, topográfica e étnica” (LOMBROSO, 1900, p. 513):²

A população, inteligentíssima porque descende de uma mistura de romanos, gregos e fenícios, dos quais mantém os traços na forma prolongada do crânio, no dialeto, nos cantos, é audaciosa, heróica, desejosa de dominação até a prepotência: entretanto, ela tem dentro de si um número não irrelevante de colônias albanesas e gregas, especialmente em proximidade da ponta da Itália, onde Musolino imperava, as quais, descendendo de povos embarbarecidos na Idade Média, estão verdadeiramente em um estágio inferior de senso moral (LOMBROSO, 1900. p. 513).³

Já a observação do crânio de Giuseppe Villella permite a Lombroso identificar uma suposta conexão entre a presença morfológica da depressão occipital mediana e um comportamento delinqüencial congênito (MAZZARELLO, 2011). O trabalho de Lombroso é também cheio de conclusões bastante similares quanto ao temperamento das mulheres e ao atavismo “criminoso” dos homossexuais:

E, como existem os criminosos-natos, enfim, há também os verdadeiros invertidos-natos, que, desde os primeiros anos de vida, e sem uma causa particular, mostraram interesse excessivo e carnal para as pessoas do mesmo sexo [...]. A psicologia desses últimos é a mesma dos primeiros: totalmente amoral, frequentemente criminosa, e, sobretudo, estranha (LOMBROSO, 1906, pp.).⁴

² “motivi d'indole sociale, topografica ed etnica”

³ “La popolazione, intelligentissima, perchè deriva da un misto di Romani, Greci e Fenici, di cui serba traccia nella forma allungata del cranio, nel dialetto, nei canti, è audace, eroica, desiderosa di dominio fino alla prepotenza; ha però nel suo seno una cifra non indifferente di colonie albanesi e greche, specialmente verso la punta d' Italia, dove Musolino imperava, che, discendendo da popoli imbarbariti nel medio evo, sono in uno stadio veramente inferiore di senso morale”.

⁴ “Et comme il y a les criminels-nés, il y a enfin les vrais invertis-nés, qui dès les premières années, et sans cause spéciale, ont montré une attraction excessive, charnelle, pour les gens du même sex. [...] Mais

As teorias de Lombroso foram utilizadas para legitimar a longa série de violências militarizadas que houve naquela época contra sulistas (D'AGOSTINO, 2002). Foram também teorias exportadas para outros lugares, como a Alemanha nazista (RAFTER, 2008), mas também a Austrália (PUGLIESE, 2002) e o Brasil (ALBUQUERQUE JR., 1997). No Brasil, como apontado por Durval Muniz Albuquerque Jr. entre outros, os estudos do Lombroso tiveram uma importância enorme para a classificação da população mesma do país, e, em particular, dos nordestinos (ALBUQUERQUE JR., 1997).

Mas além disso, os estudos de Lombroso foram importantes naqueles países que precisavam de imigrantes, para estabelecer quem podia migrar no país e quem não podia. Conforme Joseph Pugliese, o trabalho do Lombroso “exerceu uma influência nos EUA, no Reino Unido e na Austrália no final do século IX e também em todo o século XX”, inclusive contribuindo “à construção do tipo sulista italiano «melânico» (caracterizado pelo cabelo preto e pele escura), como um tipo humano a ser escrutinado e excluído no processo de seleção dos potenciais imigrantes para a nação Australiana” (PUGLIESE, 2002, p. 157).⁵

Comitato No Lombroso

Em 1909, Lombroso morre, deixando um museu com as suas coleções. Este museu funcionou para o público até 1948. Como mencionado anteriormente, o Museu Lombroso reabre ao público em 2009, sob o patrocínio da Universidade de Torino. A reabertura gera uma controvérsia enorme, e logo se forma um comitê popular de protesto contra o Museu, chamado de *Comitato No Lombroso*. O que o comitê pede é “a remoção oficial das teorias criminológicas de Cesare Lombroso dos livros didáticos e a

las psychologie des uns et des autres est toujours la même psychologie toute amoral et bien des fois criminelle, et surtout étrange”.

⁵ “Exerted, across a number of fields, a significant influence in the USA, the UK and Australia at the end of the nineteenth century and well into the twentieth century [...] construction of the ‘melanic’ Southern Italian (characterised as having black hair and a dark complexion) as a type to be screened and excluded in the process of selecting prospective immigrants for the Australian nation”.

supressão da hodonímia e comemoração do museu em nome de ‘Cesare Lombroso’” (COMITATO NO LOMBROSO, n.d.).⁶

Já em 2012, o município de Motta Santa Lucia, junto com o comitê No Lombroso, ganhou na justiça contra o Museu, obtendo o direito a receber de volta os restos do *brigante* Giuseppe Villella. A sentença, pronunciada pelo Tribunal de Lamezia Terme, foi porém revertida na segunda instância, pela *Corte d’Appello* de Catanzaro, em 2017. Aguarda-se um recurso de Motta Santa Lucia no terceiro grau de julgamento, *Corte Suprema di Cassazione*. Muitas outras cidades, municípios e instituições do estado italiano aderiram ao comitê de protesto: entre eles as cidades de Nápoles, Bari, Catanzaro, Cosenza, Crotona, Grosseto, Lecco, a região da Calábria, e uma miríade de municípios menores.

Neste trabalho eu me manifesto como aderente ao *Comitato No Lombroso*, e quero situar o Museu Lombroso dentro da economia perversa da Itália contemporânea como “regime escópico”, no caso, um regime que é preocupado em mostrar os produtos da sua violência para gerar orgulho cívico para alguns e vergonha e terror para outros (FELDMAN, 1997; PERERA, 2014). No final do trabalho, utilizarei um estratagema discursivo para suplantando o conceito de atavismo criminal utilizado extensivamente por Lombroso, transformando-o no meu conceito de “atavismo colonial”, referido ao temperamento idiótico e recalcitrante da Itália e dos seus grupos sociais dominantes, os quais não querem abrir mão da própria supremacia colonial sobre as populações do Sul da Itália.

“Corpos-Troféus”

A minha referência teórica aqui é o trabalho de Suvendrini Perera (2014), que fala de “corpos-troféus”, ou seja, a prova em carne e ossos de um triunfo que permanece, que vale até hoje, e que gera orgulho. Os corpos-troféus são fundamentais dentro o que Perera, servindo-se do trabalho de Allen Feldman, chama de “regime escópico”, ou seja, um regime preocupado em instituir alguns modos específicos de ver e alguns objetos a serem visualizados e ao mesmo tempo em proibir ou impossibilitar outros modos de ver

⁶ “La rimozione ufficiale delle teorie criminologiche di Cesare Lombroso dai libri di testo e la soppressione della commemorazione onomastica e museale a nome ‘Cesare Lombroso’”.

e outros objetos a ser percebidos (FELDMAN, 1997, p. 30, *apud* PERERA, 2014, p. 9). O que é importante na economia dos corpos-troféus dentro dos regimes escópicos é o papel do público. Perera diz que, neste contexto, há dois tipos de público: por um lado, há quem se reconhece no perpetrador da violência, e vê essa violência como diversão, afirmação quase lúdica, performance do vínculo nacional – para esse tipo de público, Perera nos diz, essa violência é cívica, e celebrá-la faz parte das tarefas do cidadão modelo, do cidadão padrão; por outro lado, há o público dos subalternos racializados, os outros que devem ser aterrorizados:

Como objeto, imagem, evento e performance, o corpo-troféu apreendido dá forma a relações e significados organizados dentro de uma estética enquadradora, já que implica e interpela novamente o perpetrador e o espectador em relações coletivas e cívicas de poder e violência, dominação e submissão (PERERA, 2014, p. 5).⁷

Não surpreende, portanto, que o Museu Lombroso organize visitas guiadas para as escolas. Por exemplo, um recente projeto escolar do Museu em parceria com o Museu de Anatomia de Turim, chama-se “*A ciascuno la sua faccia. Verso una cittadinanza tollerante e aperta alla diversità*” [“Cada um com a sua cara. Rumo a uma cidadania tolerante e aberta às diversidades”]. A princípio, este projeto é voltado para “turmas do quarto e quinto ano do ensino básico” e tem como objetivo “reconhecer o Museu como um lugar onde são discutidos temas antirracistas” (CITTÀ DI TORINO, n.d.).

Evito aqui de comentar a instrumentalização oportunística de conceitos como antirracismo, diversidade e tolerância, porque quero concentrar-me primariamente no termo “cidadania”. No meu olhar, baseado também na leitura de Perera, a palavra “cidadania” articula justamente aquele sentimento perverso de orgulho gerado pela visualização da violência. Em outras palavras, o Museu Lombroso pretende formar cidadãos servindo corpos-troféus no banquete comum da violência cívica. E, prestem atenção, a ironia desse projeto é que se chama justamente “cada um com a sua cara”. Mas as caras que ficam expostas no museu estão lá justamente por terem os traços que eram considerados típicos dos criminosos, e que não casualmente, coincidiam com os traços típicos dos italianos do Sul. Será que essas crianças estão sendo encorajadas a

⁷ “As object, image, event and performance, the impounded trophy body figures forth relations and meanings organized within a framing aesthetic, as it implicates and interpellates perpetrator and spectator anew in collective and civic relations of power and violence, domination and subjection”.

formular preconceitos? Será que a medida da cidadania delas depende de quanto se afastarem fisicamente e moralmente desse modelo fenotípico de criminoso sulista morto?

San Salvatio, o bairro próximo ao centro histórico de Turim que abriga o Museu Lombroso, foi caracterizado, na história recente da cidade, como bairro pobre e marginal, “no qual as questões de coexistência inter-étnica, deterioração de prédios, crise dos pequenos negócios e declínio industrial se juntavam e misturavam em um clima de tensão e estresse social” (BOLZONI, 2016, s.p.).⁸ A maciça presença de imigrantes estrangeiros e sulistas contribuiu para criar o estereótipo de um bairro perigoso, já que “o discurso da mídia e das instituições chamavam especialmente a atenção para a presença de migrantes, considerados como ligados às questões da segurança pública, do tráfico de drogas e do declínio geral da área” (BOLZONI, 2016, s.p.).⁹ A recentíssima gentrificação do bairro teve o efeito de exasperar a desigualdade e a segregação social (BOLZONI, 2016, s.p.).

Em geral, Turim é uma cidade historicamente povoada por imigrantes sulistas e estrangeiros. Na qualidade de pessoa que já morou em Turim e volta lá com frequência, posso dizer que, na cultura cotidiana da cidade, os descendentes dos imigrantes continuam sendo identificados, por várias gerações, com a terra de onde vieram seus pais, avós, etc. Assim existem, por exemplo, turinenses-sicilianos, turinenses-romenos, turinenses-marroquinos, etc. Já para se referir às pessoas de descendência nortenha em oposição ao descendentes de imigrantes, se usa frequentemente o termo *piemontese*, que refere-se à região do Piemonte, onde surge Turim. Dificilmente o termo *piemontese* é usado para denotar descendentes de imigrantes.

Todas essas crianças na escola, provenientes provavelmente do bairro de San Salvatio ou em geral da área municipal de Turim, vêm sendo identificadas no dia a dia com as suas terras de origem e, em várias medidas, rotuladas e racializadas, assim que é natural para elas desejar de ser reconhecidas como simplesmente italianos. Então, o que

⁸ “In which the issues of problematic inter-ethnic coexistence, building deterioration, small retail crisis and industrial decline merged together in a climate of social tension and distress”

⁹ “Media and public discourses especially drew the attention on the presence of migrants, considered as connected to issues of public safety, drug dealing and general decline of the area”

acontece quando a criança é posta diante desse tipo de projeto educativo? Quais violentos desejos de assimilação são instigados nessas crianças no momento que elas são sujeitadas a esse tipo de visualização?

O caráter redentor do erro

É importante dizer que o Museu celebra sim a vida do Cesare Lombroso, mas se preocupa também em esclarecer, também para essas crianças, que as teorias dele eram erradas. Em um artigo acadêmico, o gerente do Museu, Silvano Montaldo, declara que na exposição

Um vídeo apresenta ao público a história da “descoberta” do atavismo criminal e explica o erro científico cometido pelo cientista. Essa é uma das mensagens de comunicação e de educação museológica que são transmitidas ao visitador: a ciência progride também através dos erros; o método científico é tal porque continuamente submete as suas “certezas” às avaliações de novas pesquisas (MONTALDO, 2012, p. 145).¹⁰

Tudo bem, o erro é sem dúvida importante para a ciência. Mas será que o conceito de erro redime a ciência também? Será que essa questão do erro desvia a nossa atenção do fato que, em alguns casos, a ciência serve para justificar determinadas agendas políticas? Não é estranho que um cientista faça o seu erro inocente seguindo um exército de ocupação nos anos mais sangrentos da guerra de anexação do Sul? Acreditamos de verdade que o erro do Lombroso seja um erro inocente? Será que se o erro é necessário, isso significa que o genocídio de sulistas com o qual o trabalho de Lombroso é comprometido foi necessário também?

Então, eu acho que a mensagem do Museu Lombroso seja exatamente essa daqui: *o genocídio era necessário*. Ademais, dentro do regime escópico, o Museu obriga o visitador a escolher a sua posição em frente do corpo-troféu, assim que cada um pode decidir de se identificar com quem perpetrou a violência sob a égide da ciência, ou com quem tinha que ser sacrificado e exposto. Voltando às crianças da escola,

¹⁰ “Un video a ciclo continuo presenta al pubblico la storia della “scoperta” dell’atavismo criminale e spiega l’errore scientifico commesso dallo scienziato. Questo è uno dei messaggi di comunicazione e di educazione museale che vengono trasmessi al visitatore: la scienza procede anche per errori; il metodo scientifico è tale perché continuamente sottopone le sue “certezze” al vaglio di nuove ricerche”

cotidianamente racializadas e lisonjeadas pela miragem da assimilação completa dentro da italianidade, o que elas podem escolher?

“Vergonha in vitro”

Cabe também acrescentar uma reflexão sobre a questão do regime escópico. O Museu, como instituição orgulhosamente italiana, é preocupado em mostrar sim, mas é preocupado em negar também. Negar, primeiramente, que tudo isso tem a ver com os sulistas, já que Montaldo fala que

em relação à suposta origem meridional das pessoas, cujos restos são guardados no Museu, quem escreve esclareceu várias vezes que, fora de pouquíssimas exceções, não existem elementos de identificação pessoal certa, pois aquelas pessoas eram desconhecidas até ao Lombroso e aos seus colaboradores (MONTALDO, 2012, p. 144).¹¹

Em resposta a essa argumentação do Montaldo, é fundamental esclarecer que, como Joseph Pugliese aponta, Lombroso procurava traços das que ele identificava como “raças inferiores” (LOMBROSO *apud* PUGLIESE, 2002, p. 157) também nos criminosos italianos brancos e nortenhos. Pugliese esclarece que enquanto

esses tipos humanos eram vistos como simples freaks no contexto dos italianos brancos, a degeneração e o atraso endêmico dos italianos sulistas era vista como consequência da distinta ancestralidade racial deles (PUGLIESE, 2002, p. 157)¹²

Portanto, mesmo no caso (improvável) que esses restos humanos não pertençam a sulistas, o escrutínio e a exposição desses corpos têm de qualquer forma a ver com a racialização violentas dos sulistas, porque as características biotípicas dos sulistas eram utilizadas como referência para identificar criminosos, também entre os italianos brancos do Norte. Conforme Lombroso, o criminoso branco era criminoso porque, embora sendo branco, tinha traços somáticos pertencentes aos sulistas, aos negros, aos árabes, aos levantinos, etc.

¹¹ “Riguardo alla presunta origine meridionale delle persone i cui resti sono conservate nel Museo, chi scrive ha avuto occasione di chiarire più volte il fatto che, salvo pochissime eccezioni, non esistono elementi di identificazione anagrafica certa, poiché quelle persone erano degli sconosciuti anche per Lombroso e i suoi collaboratori, e che la maggior parte dei reperti appartiene a cadaveri di individui non identificati, rinvenuti a Torino e nei dintorni lungo un arco di diverse decine di anni”.

¹² “Where, however, these types are viewed as mere freaks in the context of white Italians, the endemic degeneracy and backwardness of Southern Italians is seen to be due to their distinct racial ancestry”.

Além disso, o discurso do Montaldo nega também o genocídio dos sulistas, e fala de “histórias inventadas” (MONTALDO, 2012, p. 144) em relação ao campo de concentração de Fenestrelle, onde centenas de sulistas foram internados e exterminados (DEL BOCA, 2010, p. 33-34; PUGLIESE, 2009, p. 666).

Em luz de tudo isso, eu queria chamar a atenção o fato que essas enunciações de negação e negacionismo são performativas, enquanto produzem sentimentos e comportamentos relacionados à vergonha. Como assim? No momento exato em que a conexão entre os restos humanos expostos e o genocídio do Sul é silenciada, o que permanece é a conexão entre esses rostos que vemos nesse Museu, e a representação fenotípica mais comum do sulista italiano, o já mencionado “tipo melânico sulista”. Eu aqui, entre essas caras, vejo inevitavelmente os traços de vários meus tios, do meu sogro, dos meus avós. Todos sabemos, no final das contas, que esses corpos mostrados são (ou pelo menos aludem a) corpos de sulistas, mas não temos elementos para acertar isso. O que permanece, então, é a vergonha dos sulistas em saber, secretamente, que fazem parte idealmente desse grupo que, de repente, a qualquer momento, podem tornar-se objetos desses estudos sobre o desvio humano, ou até tornar-se objetos de exposição, como amostra da aberração humana.

O poder e o direito de infligir essa vergonha é defendido ferozmente pelo Museu, que em cada texto ou release produzido reivindica firmemente o próprio direito a existir e a celebrar a vida e comemorar os “erros” de Cesare Lombroso, enquanto denuncia a suposta burrice de quem se opõe. No contexto do primeiro evento em que o presente trabalho foi apresentado pela primeira vez, quero me ligar à palestra do Prof. Francisco Bento da Silva (2017), intitulada “Para que servem os museus?”. Na sua palestra, o Prof. Bento destacou o papel fundamental do vidro como limiar que separa o espectador do objeto em exposição. É exatamente pensando nesse papel liminar do vidro que falo de “vergonha in vitro” neste meu trabalho. Na biologia, o termo “in vitro” se refere a processos que acontecem fora do ambiente natural, sem utilizar organismos vivos (ECHA, 2016, p. 33). A vergonha infligida tem que ser guardada in vitro no contexto asséptico da exposição, para que o Museu possa reproduzir no tempo o seu poder de

infligir vergonha. De fato, em meio a toda a disputa legal que está tendo, a caveira do brigante Villella permanece lá atrás do vidro, exposta para o público.

“Atavismo criminal”

Para concluir, eu quero tentar fazer aqui um ato de fala subversivo e “sul-versivo” (PUGLIESE; MESSINA, 2017), apropriando-me das palavras do Lombroso e utilizando-as para falar da recalcitrância intolerável do Museu Lombroso e da Universidade de Turim. Então, enquanto Lombroso falava de “atavismo criminal” (LOMBROSO, 1897, pp. 657-660), eu quero falar de “atavismo colonial”, em referência ao jeito “vaidoso” e “impulsivo” (LOMBROSO, 1896) do Museu de reproduzir e continuar o legado de violência colonial da Itália do Norte sobre a Itália do Sul. Além disso, o Museu, como esclareci anteriormente, mistura a preocupação em expor os restos humanos com a urgência de silenciar e negar as histórias de violência que estão por trás desses corpos, exatamente como o criminoso nato de Lombroso, que mostrava um “caráter contraditório, ora excessivamente agitado e verboso, ora calado e estupidado como um idiota” (LOMBROSO, 1900).¹³ Enfim, o Museu Lombroso se assemelha com o criminoso nato inventado por Lombroso, que é tal “porque a parte mais certa da sua personalidade psíquica é a vaidade morbosa. É ansioso em saber se a imprensa vai falar dele; faz a cara de personagem de grande importância, e quer que o universo o julgue” (LOMBROSO, 1900).¹⁴

Bom, o Museu já foi julgado, talvez não pelo universo, mas sim pelo Tribunal de Lamezia Terme, e depois pela *Corte d'Appello* de Catanzaro. Não cabe, na minha opinião, aguardar um resultado positivo para o Município de Motta Santa Lucia no terceiro grau de julgamento (*Corte Suprema di Cassazione*), e nem cabe esperar em uma sensibilização maior do mundo acadêmico italiano em prol da batalha do *Comitato No Lombroso*: afinal, estamos falando de um país que historicamente se sustenta na divisão racializada e violenta entre Norte e Sul. Cabe, sim, seguir lutando, escrevendo, falando e se posicionando contra esse horror de museu.

¹³ “Carattere contraddittorio, ora eccessivamente agitato e verboso, ora muto e istupidito come un idiota”.

¹⁴ “È criminale-nato, perchè la nota più sicura della sua personalità psichica è la vanità morbosa (Renda). È smanioso di sapere se la stampa si occupa di lui; si atteggia a personaggio di grande importanza, vuole che l'universo lo giudichi”.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE JR., D.M. Breve, lento, mas compensador: a construção do sujeito nordestino no discurso sócio-anropológico e biotipológico da década de trinta. **Afro-Ásia**, n. 19-20, 1997, p. 95-107.

BOLZONI, M. Spaces of distinction, spaces of segregation. Nightlife and consumption in a central neighbourhood of Turin. **Méditerranée. Revue géographique des pays méditerranéens/Journal of Mediterranean geography**, n. 127, p. 59-68, 2016.

COMITATO NO LOMBROSO, Petizione online contro cesare Lombroso e le sue teorie, s.d. <<https://www.nolombroso.org/it/petizione/>> [Acesso 01/08/2019].

D'AGOSTINO, P. Craniums, Criminals, and the 'Cursed Race': Italian Anthropology in American Racial Thought, 1861–1924. **Comparative Studies in Society and History**, v. 44, n. 2, p. 319-343, 2002.

DEL BOCA, A. **Italiani, brava gente?** Vicenza: Neri Pozza Editore, 2010

FELDMAN, A. Violence and Vision: The Prosthetics and Aesthetics of Terror. **Public Culture**, v. 10, n.1, 1997, pp. 24-60.

ECHA [European Chemicals Agency] **Guia prático: Como utilizar métodos alternativos aos ensaios em animais**, versão 2.0, julho de 2016.

FERRACUTI, S. Cesare Lombroso (1835–1907). **Journal of Forensic Psychiatry**, v. 7, n. 1, p. 130-149, 1996.

HOBSBAWM, Eric. Social bandits: reply. **Comparative Studies in Society and History**, v. 14, n. 4, p. 503-505, 1972.

HOBSBAWM, E. **Bandits**. Harmondswort: Penguin Books, 1969.

LOMBROSO, C. Du parallelisme entre l'homosexualité et la criminalité innée. **Archivio di Psichiatria Scienze Penali ed Antropologia**, n. 27, 1906, pp. 378-381

LOMBROSO, C. L'uomo delinquente in rapporto all'antropologia, alla giurisprudenza ed alla psichiatria. Torino: Bocca Fr., 1897.

LOMBROSO, C. Il cervello del brigante Tiburzi. **Nuova Antologia**, n. 150, 1896, pp. 591-600.

LOMBROSO, C. L'ultimo brigante: Giuseppe Musolino. **Nuova Antologia**, n. 181, 1900, pp. 508-516.

MAZZARELLO, Paolo. Cesare Lombroso: an anthropologist between evolution and degeneration. **Functional neurology**, v. 26, n. 2, p. 97, 2011.

MONTALDO, Silvano. Il cranio, il sindaco, l'ingegnere, il giudice e il comico. Un feuilleton museale italiano. **Museologia scientifica**, nuova serie, v. 6, n. 1-2, p. 137-145, 2012.

MUSEO LOMBROSO, **Il Museo di Antropologia criminale**, s.d. <<http://museolombroso.unito.it/index.php/it/museo/intro>> [Acesso 31/07/2019].

PERERA, S. Dead exposures: trophy bodies and violent visibilities of the nonhuman, **Borderlands**, v. 13, n. 1, 2014, p. 1-26.

PUGLIESE, J; MESSINA, M. South-verting Italian studies: an introduction. **Muiraquitã: Revista de Letras e Humanidades**, v. 5, n. 2, p. 1-10, 2017.

PUGLIESE, J. **Biometrics: Bodies, technologies, biopolitics**. New York: Routledge, 2010.

PUGLIESE, J. Crisis heterotopias and border zones of the dead. **Continuum**, v. 23, n. 5, p. 663-679, 2009.

PUGLIESE, J. Race as category crisis: Whiteness and the topical assignation of race. **Social Semiotics**, v. 12, n. 2, p. 149-168, 2002.

RAFTER, N. Criminology's darkest hour: biocriminology in Nazi Germany. **Australian & New Zealand Journal of Criminology**, v. 41, n. 2, p. 287-306, 2008.

SILVA, F. B. Para que servem os museus? Palestra apresentada na **15ª Semana de Museus** - “**Museus e histórias controversas: dizer o indizível em museus**”, Rio Branco, Universidade Federal do Acre, 17 de maio de 2017. <<https://youtu.be/ju5dO1uk9OQ>> [Acesso 02/08/2019]